

Metodologias Ativas no Contexto da Educação Inclusiva

Janne Kely da Silva Toledo de Almeida

Facultad Interamericana de Ciencias Sociales

Resumo: Um dos desafios centrais da educação contemporânea consiste em formar alunos que possuam habilidades criativas, críticas e reflexivas, além de serem capazes de trabalhar colaborativamente e resolver problemas de maneira eficiente. Para atingir esse intuito, o aprendizado ativo apresenta-se como uma estratégia fundamental. Este estudo, dessa forma, analisa o aporte das metodologias ativas junto a estudantes com necessidades educacionais especiais matriculados das redes de Educação Básica. O objetivo da pesquisa é examinar se essas metodologias favorecem a melhoria do ensino e da aprendizagem e, ao mesmo tempo, promovem a inclusão de todos os estudantes no contexto escolar. Os resultados indicaram que essas abordagens se mostraram efetivas, entretanto, com a utilização de métodos tradicionais, as crianças e jovens não conseguem desenvolver a autonomia indispensável para um aprendizado verdadeiramente ativo. Logo, se mostra imprescindível que essa autonomia seja cultivada durante a implementação das metodologias ativas.

Palavras-chave: Necessidades Educacionais Especiais. Metodologias Ativas. Inclusão Escolar.



Recebido em: Setembro 2024; Aceito em: Fev. 2025

DOI: 10.56069/2676-0428.2025.573

Aproximações e Convergências: pautas científicas multitemáticas

Abril, 2025, v. 3, n. 25

Periódico Multidisciplinar da FESA Educacional

ISSN: 2676-0428



Active Methodologies in the Context of Inclusive Education

Abstract:

One of the central challenges of contemporary education is to cultivate students who possess creative, critical, and reflective skills, along with the ability to collaborate and solve problems efficiently. To achieve this goal, active learning emerges as a fundamental strategy. This study, therefore, analyzes the contribution of active methodologies for students with special educational needs enrolled in Basic Education networks. The objective of the research is to assess whether these methodologies enhance teaching and learning while simultaneously promoting the inclusion of all students within the school context. The results indicated that these approaches have proven effective; however, the use of traditional methods prevents children and youth from developing the autonomy essential for genuinely active learning. Hence, it is imperative that this autonomy be nurtured during the implementation of active methodologies.

Keywords: Special Educational Needs. Active Methodologies. School Inclusion.

Metodologías Activas en el Contexto de la Educación Inclusiva

Resumen: Uno de los desafíos centrales de la educación contemporánea consiste en formar alumnos que posean habilidades creativas, críticas y reflexivas, además de ser capaces de trabajar colaborativamente y resolver problemas de manera eficiente. Para alcanzar este objetivo, el aprendizaje activo se presenta como una estrategia fundamental. Este estudio, por ende, analiza la aportación de las metodologías activas en estudiantes con necesidades educativas especiales matriculados en las redes de Educación Básica. El propósito de la investigación es examinar si estas metodologías favorecen la mejora de la enseñanza y el aprendizaje y, al mismo tiempo, promueven la inclusión de todos los estudiantes en el contexto escolar. Los resultados indican que estas abordajes resultaron efectivos; sin embargo, con la utilización de métodos tradicionales, los niños y jóvenes no logran desarrollar la autonomía indispensable para un aprendizaje verdaderamente activo. Por lo tanto, es esencial que esta autonomía se cultive durante la implementación de las metodologías activas.

Palabras clave: Necesidades Educativas Especiales. Metodologías Activas. Inclusión Escolar.

INTRODUÇÃO

A Declaração de Salamanca, adotada na Conferência Mundial sobre Educação Especial em 1994, na Espanha, ampliou significativamente a compreensão acerca das necessidades educacionais especiais, incluindo todas as crianças e jovens que enfrentam dificuldades em sua experiência escolar. Desde então, esse conceito abrange aqueles com deficiências ou dificuldades de aprendizagem e crianças que vivem em extrema pobreza, estão desnutridas, são vítimas de abuso físico, emocional ou sexual, além de estudantes que se encontram fora da escola por diversas razões e que pertencem a diferentes grupos sociais, culturais e étnicos (Unesco, 1994).

Nesse contexto, a inclusão vem sendo entendida como a capacidade de reconhecer a diversidade e conviver com as diferenças, proporcionando a alunos e professores a oportunidade de vivenciar a pluralidade. Isso permite que aqueles que enfrentam discriminação—seja por deficiência, classe social, cor ou religião—encontrem seu espaço legítimo na sociedade (Cavalcante, 2005).

Contudo, segundo a Declaração de Salamanca, a inclusão escolar vai além da mera questão do acesso, devendo também atender às demandas pedagógicas, ou seja, às especificidades e desafios que surgem no processo de ensino-aprendizagem. Assim, trata-se de uma “educação descentralizada”, conforme afirma Romão (1993), que realmente abraça e promove a inclusão, enfatizando a relevância do Conselho Municipal de Educação e outros espaços de participação popular na gestão do ensino municipalizado, sublinhando que a proximidade da gestão escolar com os alunos resulta em um maior cuidado em relação à sua educação.

O Brasil, com sua rica diversidade multirracial (negros, brancos, indígenas, entre outros), ainda enfrenta desafios para integrar adequadamente a pluralidade social e étnico-cultural em seus currículos, apesar da Lei 11.645/2008, que estabelece diretrizes para a inclusão da “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” na educação nacional (Brasil, 2008). A efetivação da inclusão ocorre ao trazer a diversidade para o ambiente escolar, contemplando modalidades como a Educação Especial, prevista na Constituição Federal de

1988 e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9394/96) (Brasil, 1996).

Há uma política consolidada para a inclusão de estudantes com necessidades especiais nas escolas regulares, por meio da Política de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008) do Ministério da Educação – MEC. Além disso, em todos os níveis de ensino, cada indivíduo contribui com suas histórias e experiências para a prática educacional.

Tardif (2000) salienta que os conhecimentos são plurais e diversificados, evidenciando a complexidade da profissão docente, onde valores e saberes cotidianos se entrelaçam, sendo essa tensão especialmente aguda nas profissões que interagem com seres humanos, como na educação.

Vygotsky (1989) argumenta que deficiências não impedem o desenvolvimento, o que limita é a maneira como enfrentamos os desafios. Ele acredita que todas as crianças têm potencial para aprender e se desenvolver, pois mesmo as deficiências mais graves podem ser superadas por meio de um ensino adequado que propicie um verdadeiro crescimento mental (Vygotsky, 1989).

Desse modo, as escolas regulares devem se adaptar à diversidade de seu público por meio da inclusão, disponibilizando professores especializados que atuem em salas de recursos multifuncionais, oferecendo Atendimento Educacional Especializado – AEE, ou apoiando diretamente em sala de aula. O professor regente deve incorporar estratégias didáticas que favoreçam a inclusão utilizando o currículo vigente.

Para Moran (2015), o currículo precisa estar vinculado à realidade dos alunos, ser significativo e contextualizado. Muitas vezes, o ensino se desconecta das realidades e necessidades dos estudantes. Assim, o currículo esteja deve estar alinhado ao cotidiano dos alunos e que as atividades sejam mais criativas, transcendendo as aulas expositivas, com o professor atuando como facilitador da aprendizagem. A proposta se pauta em promover uma educação personalizada e híbrida, que ofereça mais oportunidades de aprendizado.

Nesse cenário, as discussões nas instituições de ensino - desde as universidades até as escolas de ensino fundamental e médio - incluem a

Metodologia Ativa como uma alternativa para superar o modelo tradicional de ensino.

Assim, a Metodologia Ativa representa uma proposta inovadora que centraliza o estudante como protagonista de seu próprio processo de aprendizagem. Por meio da conexão de diversas disciplinas e práticas pedagógicas, essa abordagem transforma o aluno em um agente ativo no seu percurso educativo.

Nesse contexto, o professor assume a função de mediador, redirecionando a dinâmica da aula para as experiências e interesses dos alunos. Essa metodologia estimula a participação ativa e favorece a criatividade, a interação e a colaboração efetiva entre os estudantes. Ao adotar essa perspectiva, o aluno transcende a alocação de mero ouvinte, tornando-se um colaborador ativo na construção do conhecimento.

METODOLOGIAS ATIVAS

O aumento da adoção de metodologias ativas se mostra significativo, com ênfase em estratégias inovadoras que buscam fortalecer a autonomia dos alunos, destacando dois personagens principais: o professor e o estudante. Nesse cenário, o professor desempenha a função de facilitador e orientador do processo de ensino-aprendizagem, enquanto o aluno se torna um agente ativo na construção de seu conhecimento.

O objetivo central dessas metodologias centra-se em transformar o estudante em protagonista e responsável por sua própria aprendizagem, promovendo o desenvolvimento de várias habilidades cognitivas. Além disso, essas abordagens favorecem a criatividade, a interação e a participação efetiva, posicionando o aluno como um sujeito ativo no contexto educacional.

A implementação de metodologias ativas surge como uma resposta direta às críticas de Dewey (2002) sobre a configuração tradicional das salas de aula, que, segundo o autor, se limita a fazer com que as crianças apenas ouçam. Para Dewey, essa escuta pode ser interpretada como passividade e absorção sem reflexão, onde os alunos consomem conteúdos prontos de forma apressada. Na sua perspectiva, a verdadeira aprendizagem ocorre quando o aluno se envolve

ativamente, refletindo sobre suas ações, em vez de simplesmente reproduzir informações de forma mecânica. Nesse contexto, o professor se revela fundamental na formação acadêmica e na formação de cidadãos participativos. Assim, os educadores precisam buscar constantemente atualizar suas metodologias.

Conforme Moran (2015, p. 16) ressalta, “métodos tradicionais, que focam na transmissão de informações pelos professores, faziam sentido quando o acesso à informação era difícil.” No entanto, atualmente vivemos uma era de integração de tempo e espaço que não pode ser ignorada no desenvolvimento de métodos de ensino.

Moran (2004) também aponta que uma das principais reclamações de escolas e universidades é que os alunos não suportam mais a maneira tradicional de ensinar. Diante disso, torna-se imprescindível inovar e adotar práticas que estejam mais alinhadas com a realidade dos estudantes e com as tecnologias disponíveis.

SALA INVERTIDA E O ÂMBITO DA NEE

A Sala de Aula Invertida, ou *flipped classroom*, representa uma abordagem inovadora que valoriza o aprendizado prévio dos alunos, mediado pela orientação do professor. Com essa metodologia, os estudantes chegam às aulas já familiarizados com o conteúdo, trazendo suas dúvidas e questionamentos, o que enriquece o debate em sala.

O intuito desse ser converter aulas expositivas em experiências produtivas e participativas, promovendo o engajamento dos alunos e otimizando tanto o tempo quanto o saber do professor. Antes da aula, os alunos são incentivados a explorar o tema através de textos ou videoaulas elaborados pelo professor ou disponíveis na internet, que introduzem os conceitos fundamentais. Durante as aulas, o professor atua como tutor, auxiliando os alunos a aprofundarem seu conhecimento, aproveitando suas perguntas e dificuldades.

Nesse contexto, o educador também avalia a compreensão dos alunos por meio de atividades interativas, tornando o aprendizado mais alinhado com as demandas na sociedade atual.

Metodologicamente, o processo de ensino se estrutura da seguinte maneira: o material instrucional, que inclui livros, revistas, textos, vídeos, questionários e recursos digitais, sendo disponibilizado aos alunos antes das aulas e da interação com o professor sobre um conteúdo ou disciplina específica (Bergmann; Sams, 2016).

Dessa forma, no ambiente virtual, os estudantes são incentivados a buscar de maneira ativa e autônoma seu aprendizado, tendo acesso às informações necessárias para compreender conceitos específicos. Durante a presença do professor, este assume a função de orientador e facilitador, colaborando na mediação das ações práticas a serem executadas. Nesse cenário, pode-se configurar esse método como “[...] o princípio que transforma a lógica das aulas, anteriormente centradas no modelo tradicional, onde o professor apresenta o conteúdo e o aluno realiza as atividades em casa” (Machado et al., 2019, p. 399).

Assim, o ensino ocorre de forma híbrida, uma vez que o processo de aprendizagem precisa ser promovido por diversas estratégias pedagógicas em variados ambientes, enriquecido pela metodologia ativa. Logo, verifica-se ser possível observar que a busca pela aprendizagem há de ser uma responsabilidade do aluno, ressaltando a necessidade de que este adote uma postura ativa na resolução de problemas e no desenvolvimento de projetos, que devem ser estratégias para a construção do seu conhecimento. Ao professor, cabe garantir que o caminho seguido seja apropriado, exercendo a função de mediador e consultor do aluno (Valente, 2015).

A aplicação de ferramentas virtuais como recurso pedagógico proporciona um melhor aproveitamento na geração de conhecimento por alunos com deficiência, permitindo que assimilem os materiais instrucionais em seu próprio ritmo, conforme a disponibilização feita pela escola. Dessa forma, esses alunos têm a possibilidade de avançar em sua busca pela aprendizagem no seu próprio tempo (Andrade; Monteiro, 2019), gozando da liberdade de ler, reler ou assistir a um vídeo quantas vezes julgarem necessário, ou seja, adaptando a aprendizagem às suas limitações e utilizando diferentes linguagens, mais acessíveis.

Ao apresentar o conteúdo de maneira alinhada à realidade do aluno e ao buscá-lo por meio de variadas ferramentas virtuais, a aprendizagem transforma-se em um fator de superação das deficiências, tornando o processo de ensino e aprendizagem mais inclusivo e permitindo que os conhecimentos transcendam as limitações de cada estudante (Andrade; Monteiro, 2019).

O ensino híbrido do tipo “sala de aula invertida” favorece uma personalização do aprendizado. Gabrich e Benedito (2017) enfatizam que “[...] é uma excelente ferramenta para inclusão de pessoas com deficiência e/ou necessidades especiais, especialmente devido à capacidade de personalização do ensino”. Como evidenciado, a inversão das salas de aula possibilita ao professor adaptar o ensino às especificidades de cada aluno, contribuindo para uma maior inclusão e compreensão das aulas por parte dos estudantes (Gabrich; Benedito, 2017, p. 169).

A principal contribuição dessa abordagem para a aprendizagem de alunos com deficiência reside no fato de que a aquisição do conhecimento se ajusta às necessidades de cada indivíduo, tornando-se, portanto, personalizada.

APRENDIZAGEM BASEADA EM PROBLEMAS E AS NEE

A Aprendizagem Baseada em Problemas se configura como uma abordagem educacional que emergiu na década de 1960, com um foco inicial nos estudos da psicologia comportamental. Com o tempo, essa metodologia foi incorporada por instituições de ensino superior, notavelmente em cursos de medicina, tendo sua primeira aplicação na Universidade McMaster, no Canadá (BorochoVICIUS; Tortella, 2014).

A PBL se distingue por promover um aprendizado ativo, estruturado em grupos pequenos de até doze alunos, seguindo etapas bem definidas, conforme delineado pela Universidade de Maastricht, na Holanda (Wood, 2003; Jones, 2006).

A colaboração em equipe possibilita aos estudantes o aprimoramento de suas competências comunicativas e de cooperação, transformando a investigação em uma vivência de aprendizado que é simultaneamente desafiadora e gratificante.

Beyer (2006) enfatiza que a crítica de Vygotsky à formação de grupos homogêneos com base no desempenho intelectual se mostra muito relevante, defendendo a formação de grupos heterogêneos, uma vez que as interações psicossociais favorecem o crescimento individual de cada integrante.

Ademais, a estrutura da Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP), que se organiza em ciclos de aprendizado, oferece aos estudantes a oportunidade de buscar novos conhecimentos que os ajudem a enfrentar desafios. Tornar-se um aluno autodirigido, capaz de identificar suas próprias lacunas, buscar soluções e desenvolver métodos de estudo mais eficientes, configura-se como uma poderosa ferramenta na construção do saber. Estudantes que cultivam essa habilidade demonstram uma capacidade ampliada de aprender e gerenciar suas atividades acadêmicas (Overby, 2011). Em síntese, ao aprender a buscar respostas de maneira independente, os alunos se tornam menos dependentes e mais autônomos.

No âmbito do estudo autodirigido, cada aluno opta pela melhor forma de adquirir conhecimento, utilizando fontes que atendem às suas necessidades específicas. Por exemplo, um estudante com deficiência visual pode utilizar um software de leitura, enquanto um aluno surdo pode assistir a uma videoaula em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Cada estudante, com suas particularidades, tem a possibilidade de potencializar sua capacidade investigativa e de construção de saberes, sem que o professor precise adaptar o plano de aula para cada circunstância.

Conforme Hmelo-Silver (2004), existem dois aspectos fundamentais nas abordagens de aprendizagem por meio da resolução de problemas. O primeiro diz respeito à transformação dos papéis entre professores e alunos, contrastando o modelo tradicional com a ABP. O segundo aspecto reside no que os alunos constroem sobre o conhecimento de forma ativa em grupos. Nesse contexto da ABP, a colaboração e a solidariedade são essenciais para a troca de informações na resolução de problemas.

Além disso, o estudo autodirigido se apresenta como uma característica da ABP que a torna uma metodologia inclusiva. A ABP valoriza as informações prévias que os alunos possuem como ponto de partida na aprendizagem. Dado que cada aluno traz diferentes conhecimentos e experiências, a ABP atende de

forma eficaz às diversas necessidades de aprendizado (Siaw, 2000). Dessa forma, as diferenças são respeitadas e valorizadas. Nesse cenário, com o professor atuando como orientador, as metodologias ativas de ensino permitem que os alunos desenvolvam autonomia, buscando os melhores caminhos para aprender.

A interação com os colegas, promovida pela proposta de trabalho colaborativo nos ciclos de aprendizagem, impacta positivamente o desenvolvimento cognitivo dos alunos, incluindo aqueles com dificuldades de aprendizagem, que podem se beneficiar com a melhoria no desempenho acadêmico, aumento da motivação e melhor aceitação social (Filippatou; Kaldi, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se afirmar, com base nesta pesquisa, que a sala de aula invertida ocupa uma função nervralgica na educação, contudo, apresenta-se como primal que atuemos para promover a autonomia dos alunos, já que esta se configura como imprescindível para um aprendizado eficaz. A metodologia de aprendizagem baseada em problemas demonstrou maior efetividade, especialmente quando acontece sob a supervisão do professor, ao passo que na sala de aula invertida o estudante necessita se autodirigir. Historicamente, essa autonomia foi pouco incentivada, o que precisa ser modificado.

Além disso, deve-se responder às novas exigências educacionais, particularmente com o aumento da presença da tecnologia em nosso dia a dia. Urge, dessa forma, fomentar a protagonização dos alunos em seu processo de ensino-aprendizagem. Para isso, faz-se necessário implementar diversas abordagens, como as metodologias ativas, sempre levando em consideração os distintos níveis de compreensão e os variados estilos de aprendizagem que devem ser inseridos no contexto educacional.

A integração da tecnologia na educação requer um planejamento criterioso por parte do educador, permitindo que os alunos assumam uma postura ativa em seu processo de aprendizagem, em vez de se limitarem a receber conteúdos passivamente. Deve-se cultivar nos estudantes uma

capacidade de análise crítica, de modo que possam avaliar as informações disponíveis na Internet. Eles devem ser capacitados a discernir quais fontes são confiáveis e a reconhecer a relevância da curadoria dos materiais e conteúdos que encontram. Além disso, deve-se explorar abordagens lúdicas no aprendizado, como a gamificação, que favoreçam a assimilação do conhecimento.

O ambiente virtual apresenta uma gama de possibilidades para as instituições de ensino, incluindo jogos, textos, áudios, vídeos, simuladores, objetos em 3D, hologramas e realidades aumentadas. Essas diversas ferramentas podem ser utilizadas pelos docentes para enriquecer o ensino em um modelo híbrido de educação, que pode abranger a metodologia da sala de aula invertida. As estratégias devem levar em conta a diversidade existente entre os alunos, possibilitando diferentes abordagens dentro de uma mesma aula e tornando-a mais acessível a um público cada vez mais heterogêneo, sendo imperativo ter a coragem de adotar uma mentalidade inovadora.

As metodologias ativas, como a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP), revelam um potencial substancial para evidenciar "como a inclusão pode ser eficaz". Essas abordagens são fundamentais na superação de argumentos persistentes em certos setores da sociedade, os quais sustentam que "a inclusão pode falhar". Ao empregar essas metodologias, um aluno com deficiência pode desenvolver maior autonomia na seleção de recursos que realmente potencializam seu desempenho.

Dessa maneira, ele assume uma posição proativa em suas atividades, contribuindo de forma efetiva para o grupo, em vez de permanecer como um mero observador ao lado dos colegas. Por exemplo, um estudante cego que utiliza um software de edição e leitura de textos pode atuar como escriba em diversas situações. Muitas vezes, tais alunos possuem um conhecimento mais aprofundado sobre tecnologias assistivas do que seus próprios educadores. Deve-se reconhecer e valorizar esse conhecimento e essas competências, promovendo assim um ambiente que favoreça e potencialize o processo de ensino-aprendizagem. O que se busca enfatizar é que a ABP se mostra extremamente promissora, pois possibilita que cada estudante,

independentemente de ter ou não alguma deficiência, seja valorizado por suas capacidades, em vez de ser avaliado por suas limitações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, D. P. C. M.; MONTEIRO, M. I. Educação híbrida: abordagens práticas no Brasil. **Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar**, v. 5 n. 14, 2019

BERGMANN, J.; SAMS, A. **Sala de Aula Invertida**: uma metodologia ativa de aprendizagem. 1.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2016.

BEYER, H. O. A Educação Inclusiva: ressignificando conceitos e práticas da educação especial. **Inclusão** – Revista da Educação Especial, SEESP/MEC; ago/2006, p. 8 – 12.

BOROCHOVICIUS, E; TORTELLA, J. C. B. Aprendizagem Baseada em Problemas: um método de ensino-aprendizagem e suas práticas educativas. **Ensaio**: aval. pol. públ. Educ. Rio de Janeiro, v. 22, n. 83, Apr./June, 2014.

BRASIL. **Lei nº 11.645 de 10 de março de 2008**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm>. Acesso em: março, 2024.

BRASIL. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: março, 2024.

CAVALCANTE, M. Inclusão promove a justiça. **Nova Escola**, 2005.

DEWEY, J. **A escola e a sociedade**. A criança e o currículo. Lisboa: Relógio D'água, 2002.

FILIPPATOU, D.; KALDI, S. The effectiveness of project-based learning on pupils with learning difficulties regarding academic performance, group work and motivation. **International Journal of Special Education**, n. 25, p. 17 – 26, 2010.

GABRICH, F. DE A.; BENEDITO, L. M. F. Sala de aula invertida para o ensino jurídico inclusivo. In: **Pesquisa e educação jurídica**. Florianópolis: CONPEDI, 2017.

HMELO-SILVER, C.E. Problem-Based Learning: What and How Do Students Learn? **Educational Psychology Review**, v. 16, n. 3, p. 235-266, 2004.

JONES, R. W. Problem-based learning: description, advantages, disadvantages, scenarios and facilitation. **Anaesth Intensive Care**. n. 34, v. 4, p. 485-8, 2006.

MACHADO, A. P. et al. Sala de aula invertida: uso do Google Classroom em uma disciplina de artes. In: PAVÃO, A. C. O.; PAVÃO, S. M. DE O. (orgs). **Metodologias ativas na educação especial/inclusiva**. Santa Maria, RS: FACOS-UFSM, 2021.

MORAN, J. M. Mudando a Educação com Metodologias Ativas. In: Coleção Mídias Contemporâneas. **Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens**. Vol. II. Carlos Alberto de Souza e Ofelia Elisa Torres Morales (orgs.). PG: Foca FotoPROEX/UEPG, 2015.

MORAN, J. M. Proposta de mudanças nos cursos presenciais com a educação on-line. In: **Congresso Internacional de Educação a Distância**. XXI, 2004. Anais... Salvador: Abed, 2004.

OVERBY, K. **Student-Centered Learning**. ESSAI, v. 9, Article 32, p. 108 - 112, 2011.

ROMÃO, J. E. **Integração da América Latina e as políticas de descentralização da educação básica**. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 1993.

SIAW, I.S. Fostering self-directed learning readiness by way of PBL intervention In **business education**. Hong Kong: The Open University of Hong Kong, 2000.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. **Revista brasileira de Educação**, n. 13, p. 05-24, 2000.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Declaração de Salamanca sobre Princípios, Política e Prática em Educação Especial**. Salamanca: S.I., 1994.

VALENTE, J. A. Prefácio. In: BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. DE M. (orgs.). **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.

VYGOTSKI, L. S. Obras completas. **Tomo cinco: Fundamentos da Defectologia**. Havana: Editora Pueblo Y Educación, 1989.

WOOD, D. F. Problem based learning. **British Medical Journal**, v. 326 n. 7384, p. 328- 30, 2003.